

Dolarização, o assunto da semana

Rio — Durante toda a semana, foi só o que se ouviu. Em todas as reuniões de conselhos de administração de empresas, nas apressadas trocas de telefonemas do mercado financeiro, nos encontros dos consultores com seus clientes: o governo ia decretar a dolarização da economia. As informações da semana passada foram mais intensas do que em outras e tinham uma sofisticação: o governo estaria preparando uma dolarização parcial, por ser incapaz de repetir um plano argentino, por ter apenas metade das reservas cambiais necessárias.

As autoridades passaram a semana desmentindo. Adiantou pouco. Empresários ligados à Fiesp deram declarações contrárias à dolarização, sem saber nem exatamente como poderia ser, ou se o governo estava mesmo pensando em adotá-la. "Eles entenderam que isto iria destruir a indústria brasileira", disse o presidente do Banco Central, Francisco Gros. E quando falou isto referia-se a uma fórmula semelhante à Argentina. Hoje, o

país vizinho está com uma grande defasagem cambial, que inviabiliza as exportações e torna baratíssimos os produtos importados. Uma economia como a brasileira não poderia suportar um plano assim. Mas o que os consultores têm dito é que há várias fórmulas possíveis para lançar uma âncora cambial na economia brasileira, uma delas proposta por André Lara Resende.

Ancora

O ministro Marcílio sempre disse que não se lança uma âncora no mar revolto. Mas e se ele estiver considerando que agora, com o acordo da dívida externa e a não explosão da inflação em meio a tanta confusão política, o País está perto da praia?

O ministro acha que não. "Já tivemos planos sem política econômica. Temos agora política econômica sem planos. Os resultados demoram. É preciso paciência", diz o ministro. Para a insistência de empresários e economistas no assunto, ele dá a seguinte explicação: "Eles não se despojaram desta ten-

tação. Não são ainda weberianos racionais. Não chegaram ao desencantamento do mundo", querendo dizer que ainda não cumpriram o trajeto da fé à razão.

O argumento dos que garantem que o governo não terá outra alternativa é que a inflação não cairá gradativamente, seja qual for o tamanho do aperto fiscal e monetário. Até porque não há antecedente histórico de que uma política como esta tenha reduzido uma inflação assim. "Da mesma forma que os planos e os choques não deram certo", afirma Marcílio. O governo todo fala esta mesma linguagem, mas um alto funcionário, outro dia, lembrou um importante detalhe: "Se estivéssemos preparando, diríamos que não estávamos".

O argumento que costuma calar os que não acreditam no plano é que o presidente Collor, por razões de personalidade, não entrega o jogo. Tentaria qualquer coisa. Por que não um plano que faça renascer a esperança e ocupe as páginas dos jornais e a cabeça das pessoas?